

Os Diários Dialogados Eletrônicos no Ensino de Língua Estrangeira: A prática da escrita conectada a um ensino comunicativo para promover interação real

(The Electronic Dialogue Journals in Foreign Language Teaching: The practice of writing connected to communicative teaching to promote real interaction)

Daniela Nogueira de Moraes GARCIA
Universidade Estadual Paulista – Assis¹

ABSTRACT: This paper aims to trace the process of teaching and learning in writing with students of English as a foreign language (EFL). This experiment is translated through an exchange of dialogical journals via e-mail; such journals may be used not only as a communication channel, but also as an additional environment for the development of language and for teaching. The journals, used both as research and learning tools, proved to be effective in raising interest, motivation, production and learning in terms of the written language, by breaking up with traditional practices of teaching.

¹ Mestre em Letras pela Universidade Estadual Paulista - Assis

OS DIÁRIOS DIALOGADOS ELETRÔNICOS

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo relatar uma experiência do processo ensino/aprendizagem da modalidade de língua escrita para com alunos de Língua Inglesa como língua estrangeira (EFL). Esta experiência se traduz na troca de diários dialogados via correio eletrônico, sendo tais usados não somente como um canal de comunicação, mas enquanto um ambiente complementar para o desenvolvimento de instrução e linguagem. Os diários, utilizados enquanto instrumentos de pesquisa e ensino, se delinearam na tentativa de buscar o interesse, a motivação, produção e aprendizagem mais efetivas de língua escrita rompendo com as práticas tradicionais de ensino.

KEY-WORDS: teaching-learning process, written language modality, foreign language, electronic journals

PALAVRAS-CHAVE: processo de ensino-aprendizagem, prática da modalidade escrita da língua, língua estrangeira, diários dialogados eletrônicos.

INTRODUÇÃO

Muito se tem elaborado e sugerido dentro do processo ensino/ aprendizagem no intuito de possibilitar um crescimento intelectual e emocional ao indivíduo, criando melhores oportunidades e qualidade de vida para os aprendizes. Hoje, mais que nunca, o processo do ensino deve primar pela busca do eficiente, do significativo, do criativo. Já em 1904, Jespersen afirmava que a língua deveria ser tratada como algo vivo e o método de ensino deveria ser tão elástico e adaptável quanto a vida. Sendo assim,

DANIELA NOGUEIRA DE MORAES GARCIA

ela não deveria ser um fim em si, mas um caminho para a comunicação.

A aprendizagem de uma língua estrangeira permite que as possibilidades de comunicação e socialização do aprendiz sejam ampliadas. Widdowson (1991) afirma que o fim último da aprendizagem de línguas é a aquisição de competência comunicativa para interpretar, seja isso manifestado com visibilidade na conversa ou correspondência, seja ela mantida implícita como uma atividade psicológica subjacente às habilidades de dizer, ouvir, escrever e ler. Dessa forma, o processo ensino/aprendizagem adquire maiores proporções, visto que não objetiva somente a aprendizagem de um novo código apenas; visa antes promover a comunicação e construção da representação da realidade, contribuindo para a formação do aprendiz como um todo.

O ensino deve estar calcado na visão de que a aprendizagem de uma nova língua não traz como sinônimos a codificação/decodificação de informações, antes, abrange horizontes muito maiores. Para Almeida Filho:

“o aprender uma língua é (...) aprender a significar nessa nova língua e isso implica entrar em relações com outros numa busca de experiências profundas, válidas, pessoalmente relevantes, capacitadoras de novas compreensões e mobilizadoras para ações subseqüentes” (1993, p.15).

Nós, educadores de língua estrangeira (LE), no momento em que nos colocamos como facilitadores do processo de ensino e aprendizagem, temos grande responsabilidade no caminho que capacita o aprendiz a interagir com competência, segurança e criatividade no mundo globalizado, num mundo além das quatro paredes da sala de

OS DIÁRIOS DIALOGADOS ELETRÔNICOS

aula e sem limites mediante a Internet, mundo este em que a linguagem é a porta de entrada.

O ENSINO DA ESCRITA

Escrever não é uma tarefa fácil. Em algum momento, a maioria de nós já passou por incertezas, frustrações e medos ao tentar expressar uma mensagem ou idéia no código escrito da língua. A busca por palavras apropriadas, a seqüência mais adequada, um conteúdo significativo, a clareza ao se expressar, o uso correto da língua e um formato adequado podem se traduzir em esforços bastante árduos. Nossa experiência com a Língua em sua modalidade escrita, na maioria das vezes, se define de forma bastante traumática, isto porque a ênfase no produto, ou seja, na redação pronta, ainda se encontra fortemente incrustada em nossa sociedade. Ao processo, às etapas de elaboração da redação não são atribuídos os devidos valores.

O ato de escrever requer maior esforço do indivíduo na medida em que deve organizar suas idéias, fazendo seleção de vocabulário, uso de conectivos, ter em mente a presença do receptor do texto, fazer-se claro, retomar idéias, evitar repetições desnecessárias etc. Nem todos se dispõem a enfrentar tal atividade desafiadora, daí, muitos criarem barreiras no que diz respeito à escrita.

As idéias podem estar prontas, concatenadas, mas ao transferi-las para o papel, elas se confundem, tamanhas são as barreiras enfrentadas. No caso da expressão oral será muito mais fácil. A partir do momento em que lápis, papel e norma culta são associados na tarefa de escrever, o aluno perde sua visão do alvo e acaba por decepcionar a si próprio e àquele que exigiu tal tarefa.

DANIELA NOGUEIRA DE MORAES GARCIA

Notamos, muitas vezes, que a prática da escrita se traduz em uma atividade vazia, atividade esta onde o bom uso das normas gramaticais será o alvo da correção. Espera-se que o aluno demonstre um bom domínio das estruturas vistas em sala de aula. Trata-se de uma atividade desvinculada com a realidade, o aluno escreve para o professor a respeito de um tema qualquer, sabendo que será avaliado de 0 a 10 por tal. Não existe uma audiência real e nem um propósito comunicativo, o aluno escreve simplesmente pelo fato de cumprir uma proposta de avaliação. Percebemos que o conceito de interação, interlocução à distância, como função primordial da escrita (Osakabe, 1982), foi anulado vista a artificialidade do processo.

Esta realidade se aplica tanto ao ensino de língua materna, quanto ao de língua estrangeira. Nosso enfoque aqui será ao ensino de inglês como língua estrangeira (LE).

OS DIÁRIOS DIALOGADOS (DDS) E OS DIÁRIOS DIALOGADOS ELETRÔNICOS (DDES)

O uso dos diários dialogados tem se expandido no contexto educacional por tamanhos benefícios comprovados até então. Não somente tem sido empregado no ensino de línguas, mas em várias áreas do conhecimento e contextos institucionais, como nos aponta Martini (1997).

Muitos pesquisadores e professores têm se utilizado dos DDs para diversos fins e os resultados obtidos são satisfatórios. Eles já foram adotados para melhorar a autoestima dos alunos (Bardine, 1995), como um exercício de pré-escrita (Beene, 1984), como uma ferramenta inspiradora para a escrita (Jeffers, 1994), como ferramenta para

OS DIÁRIOS DIALOGADOS ELETRÔNICOS

fazer com que os alunos reflitam sobre questões levantadas na literatura e na sociedade (Quinn, 2000), para desenvolver as habilidades de escrita da língua (Peyton, 1993) entre outros fins. Martini (1997) relata em sua pesquisa alguns dos diferentes usos dos DDs no período de 1984 a 1991, apontando autor ou autores, o contexto institucional onde os diários foram inseridos, objetivo principal, sujeitos envolvidos e resultados.

Martini (1997) também discorre a respeito dos primeiros registros do uso dos DDs ocorridos em 1979. Anteriormente a tal data, supõe-se que os diários seriam utilizados como prática em sala de aula e não com fins de pesquisa e instrução (cf. Staton, Shuy, Peyton & Reed, 1987). Leslee Reed seria a primeira professora a fazer uso dos Dds em sala de aula, através da troca de tirinhas de papel, onde os alunos teciam comentários ou apreciações sobre a aula. A resposta da educadora viria ou não de acordo com a necessidade. Posteriormente, tais tirinhas foram substituídas por cadernos, possibilitando, assim, uma seqüência de comentários.

No Brasil, vários educadores já fizeram uso dos diários com diferentes propósitos no âmbito do ensino e aprendizagem de inglês enquanto língua estrangeira, a saber: Miccoli (1987, 1989), Riolfi (1991), Boxwell (1988), Arruda (1992), Martini (1997), Morita (1993) e Paiva (1999).

A pesquisa de Miccoli relatou o uso dos diários enquanto “instrumento a permitir dar aos alunos feedback sobre seus processos de aprendizagem e discutir assuntos relacionados com o ensino de inglês como língua estrangeira. Foi pedido aos alunos que refletissem sobre suas experiências enquanto alunos, bem como sobre suas reações às atividades de classe. Os alunos também escreve-

DANIELA NOGUEIRA DE MORAES GARCIA

ram sobre os motivos em que se baseavam as atividades de classe, de forma a permitir que eles desenvolvessem uma visão pessoal sobre o ensino de línguas” (Miccoli, 1987, p.59). A autora, no curso de Metodologia de Ensino, buscava a conscientização de seus alunos, futuros professores de inglês, em relação ao processo de ensino e aprendizagem.

“Como futuros professores de inglês como língua estrangeira (EFL), os alunos deveriam analisar o processo ensino/aprendizagem que vivenciam. Analisar e refletir sobre si mesmos enquanto aprendizes, permitirá que os alunos vejam tal processo criticamente para que no futuro ajam nele conscientes de sua natureza caleidoscópica.” (1989, p.175).

Não estava na proposta de Miccoli a aquisição de linguagem escrita, assim sendo, os diários eram escritos em português. Compartilho com Riolfi (1991) e Morita (1993) a idéia de que Miccoli deixou de aproveitar um grande instrumento de aprendizagem de modalidade escrita da língua estrangeira ao permitir que a troca dos diários ocorresse em língua materna.

A pesquisa de Riolfi (1991) fez uso dos diários dialogados com alunos universitários de Prática de Escrita em Inglês que se encontravam em uma situação de possível fracasso de aprendizagem, apresentando alto nível de reprovação e baixas auto-estima e motivação para tal processo. Riolfi buscou estabelecer uma interação significativa entre os sujeitos para reverter a situação pré-descrita. A autora buscava viabilizar o processo de ensino, criando oportunidades reais de comunicação e interação via diários dialogados.

Boxwell (1988) usou os diários para o ensino da escrita, fundamentalmente, para minimizar o bloqueio face-

OS DIÁRIOS DIALOGADOS ELETRÔNICOS

a-face na hora das colocações críticas dos alunos. A pesquisadora buscou, através dos diários, criar uma oportunidade para que os alunos pudessem expressar seus sentimentos.

Arruda (1992) utilizou os diários dialogados com alunos adolescentes que apresentavam níveis pré e intermediário de língua inglesa. Seus alunos escreviam a fim de cada aula, em seus diários, observações que considerassem relevantes – sobre as aulas, ou qualquer outro assunto. A autora tinha por objetivo principal investigar se o uso dos DDs poderia ampliar a comunicação entre professora e alunos e se levaria a uma melhora na escrita em inglês dos mesmos.

Martini (1997) analisou o uso dos diários com adolescentes de duas turmas de cursos de inglês de nível pré e intermediário. Foi pedido que os alunos escrevessem no diário algo relacionado à aula, ou com relação a algum assunto pessoal. Os diários eram escritos nos dez minutos finais das aulas e recolhidos na última aula da semana, ocasião em que a professora da turma lia e fazia seus comentários. Na aula seguinte, os diários eram devolvidos. Martini investigou os diários como instrumento facilitador da interação alunos-professor(a) e como instrumento em que é feita uma aprendizagem informal das estratégias de aprendizagem.

Morita (1993), também participante da concepção de que os diários dialogados são mais um instrumento de otimização no ensino/aprendizagem de línguas (p.6), desenvolveu sua pesquisa na área de Português para Estrangeiros em um contexto de imersão. Inspirada nos diários dialogados, a autora analisou o processo de ensino/aprendizagem da linguagem oral de L2 pela troca dos diálogos à distância (Ddis). Este instrumento (Ddis) se define por

uma ampliação e adaptação dos diários dialogados, como a própria autora define, os Ddis são ocasiões em que o professor e o aluno se “correspondem” através da troca de gravações em fitas-áudio (1997, p.101).

Paiva (1999) empregou o diário dialogado eletrônico com alunos universitários em um curso de inglês, visando o desenvolvimento das habilidades de *reading* e *writing*. Os alunos freqüentavam o laboratório de multimídia duas vezes por semana sob a supervisão de um professor. A interação dos alunos ocorreu com outros alunos, com o professor e com amigos por correspondência (*keypals*) do exterior. A autora buscou descobrir as características das interações via e-mail na sala de aula, fazendo, posteriormente, uma comparação dessas com as tradicionais em sala de aula.

Wang (1993), nos Estados Unidos, associou o e-mail à troca dos diários dialogados em uma sala de alunos com um nível intermediário que estudavam leitura e escrita em uma universidade pública sendo a língua inglesa L2. A autora fez um parâmetro entre alunos que faziam seus diários mediante o correio eletrônico, e alunos que faziam seus diários usando lápis e papel. Diversas foram as diferenças percebidas entre os dois grupos estabelecidos, algumas delas: os alunos que se utilizavam do e-mail para praticar a escrita geralmente iniciavam e encerravam seus diários com saudações, faziam mais perguntas e mais funções de linguagem eram produzidas; tais alunos gastavam menos tempo para escrever devido ao fato de não fazer uso do dicionário ou rascunhos. A pesquisadora observou que a escrita deste grupo era mais espontânea, entretanto, afirma que o conhecimento limitado do e-mail enquanto ferramenta singular de comunicação impediu que os alunos tirassem maior proveito da atividade.

OS DIÁRIOS DIALOGADOS ELETRÔNICOS

Os diários dialogados (*dialogue journal writing*) ganharam espaço no contexto educacional de ensino de língua estrangeira ao se delinear como ferramenta bastante útil. Este instrumento abre canais de comunicação e contextos naturais para o desenvolvimento de língua e instrução e, devido à interação ocorrer na modalidade escrita, permite-se que os alunos façam uso da leitura e escrita de maneira significativa instaurando uma ponte natural e confortável para outros tipos de escrita (Peyton, 1993).

NOSSA EXPERIÊNCIA

Nossa experiência se traduziu na troca dos diários dialogados através do correio eletrônico (e-mail), assim sendo, serão chamados diários dialogados eletrônicos, *e-journals* ou DDEs. Visamos analisar as contribuições do contexto tecnológico ao invés do contexto ‘lápiz e papel’ no que diz respeito à aprendizagem da escrita em LE.

Como Krashen (1987) sugeriu, a aquisição de língua se efetiva quando a língua é utilizada em situações autênticas e também postula que a língua é aprendida quando o aluno se comunica e interage significativamente com usuários competentes da língua. E este é o propósito maior para o uso dos diários, o aluno aproveita as oportunidades que lhes são criadas através da exposição ao modelo efetivo e competente do professor.

Acreditamos que prover os alunos com uma audiência real é um aspecto fundamental para que a escrita se torne uma ferramenta genuína de comunicação e não um mero produto a ser avaliado. Assim, selecionamos uma turma de seis alunos adolescentes que cursavam o nível intermediário em uma escola particular de língua inglesa para efetivar a troca dos diários dialogados eletrônicos.

DANIELA NOGUEIRA DE MORAES GARCIA

Observamos dois momentos distintos em nossa pesquisa: o primeiro, sendo a pesquisadora também a professora dos referidos alunos, mantendo, assim, um contato regular semanal com os mesmos e um relacionamento íntimo dentro do ambiente da sala de aula; e um segundo momento, como a coordenadora da escola, estabelecendo, assim, um distanciamento da sala de aula e encontros esporádicos com os alunos. O primeiro momento foi marcado pela troca de redações e o segundo pela troca efetiva de diários dialogados eletrônicos.

Alguns alunos, de fato, se lançaram à proposta feita, participando com bastante dedicação, outros, apesar de terem expressado sentimentos positivos no início, não mantiveram um contato eletrônico. O Quadro I ilustra tais dados comentados por nós.

Quadro I – Período da troca de redações e DDEs e número de redações e diários coletados.

Aprendiz	Período de troca de redações	Número de redações coletadas	Período de troca de DDEs	Número de Diários coletados
Al.	Nov/2001 a Mar/2002	20	Set/2002 a Abr/2003	41
Ann.	Dez/2001 a Ago/2002	17	Set/2002 a Abr/2003	45
C.	Nov/2001 a Mar/2002	13	Set/2002 a Mar/2003	25
Na.	Não participou	-----	Out/2002 a Abr/2003	34
V.	Jan/2002	12	Out/2002	1
W.	Não participou	-----	Não participou	-----

OS DIÁRIOS DIALOGADOS ELETRÔNICOS

O contato virtual com os alunos teve a duração formal de dois semestres. Entretanto, alguns alunos optaram por não extinguir o contato via correio eletrônico, mesmo sabendo que não mais haveria o compromisso da troca de mensagens.

Alguns alunos não obedeciam muito os prazos estipulados para envio de suas produções, porém, não havia punição, antes, bastante flexibilidade. O comprometimento de alguns alunos foi tamanho que não ‘respeitavam’ feriados, finais de semana ou período de férias para compor e enviar suas mensagens. O contato virtual era contínuo, dentro de toda flexibilidade já mencionada. Um outro detalhe observado foi o horário em que as produções escritas eram enviadas. Não havia um horário fixo, algumas eram enviadas de madrugada, por opção própria do aluno. Não existiam regras no tocante a horário, nem para eles e nem para nós.

A primeira etapa: redações como ‘ice-breakers’

Inicialmente, até mesmo como um ‘ice-breaker’ (quebra-gelo) para que os alunos se familiarizassem com a atividade proposta de escrita, sugerimos que alguns temas fossem definidos para serem desenvolvidos, procedimento este já apontado por outros autores, a saber, Nikopoulos (2002). Assim, em sala de aula, com a presença de todos os alunos envolvidos, definimos quais seriam os temas, muitos dos quais refletiam experiências e assuntos relacionados à nossa convivência e nosso ambiente educacional. Alguns deles foram *Chicken pox, A present you loved, Chilhood, Our First Party, Terrorism, What to do on Sundays, Friendship, Music, Having tests at school*

DANIELA NOGUEIRA DE MORAES GARCIA

etc. Abaixo, transcrevemos uma das redações enviadas em 09/02/2002 pelo aluno V.

What to do on Sundays

“Vacation. Sunday afternoon and nothing to do. Oh Salvation! The Internet, this is the answer. Well, on the Internet you just can do everything that you want, you have many choices like chats, ICQ, Web Cam, e-mail, downloads and a whole lot of things.

You can make new friends, meet old friends, talk with anyone! Of course, the Internet is not just this, we have the ‘dark side’: viruses, bad people that want to steal passwords and make easy money stealing secrets. But it’s not problem, we have lot’s of security softwares, firewalls that can protect us from the ‘dark side’.

Well, on Sundays, this is what I do!”

As composições eram elaboradas e semanalmente enviadas à professora-pesquisadora, por meio do correio eletrônico. Elas eram somente recebidas por nós, pesquisadora-professora que obtínhamos um feedback rápido de como os alunos estavam aprendendo e quais dificuldades apresentavam na língua-alvo. Dessa forma, saberíamos o que trabalhar ou enfatizar durante as aulas, sem nos dirigir a nenhum aluno em especial.

Nenhum critério imediato de correção dos erros foi estabelecido nesta etapa por temer que este pudesse inibir os alunos na prática do código escrito. Ao final da coleta de dados, as redações foram corrigidas e entregues aos seus respectivos autores.

Como não havia contato virtual dos alunos com a professora-pesquisadora durante esta etapa, uma das alunas sempre deixava, ao final de suas redações, uma mensagem redigida a nós em língua materna.

OS DIÁRIOS DIALOGADOS ELETRÔNICOS

“OBS: Olá Dany! Desculpe por te enviar a redação somente Domingo. Escrevi a redação quinta-feira, mas a internet não conectava de jeito nenhum. Então tive que esperar, para te mandar hoje e felizmente conectou. Um abraço.” *(Trecho extraído da redação de Al. de 18/11/01)*

“** Hi Dany** Aproveitei e já escrevi a redação que deveria ser passada à você semana que vem** Eu não sabia muito bem o que escrever em relação ao tema, então não ligue para o que eu escrevi, Ok?****
*****Beijocas*****”

(Trecho extraído da redação de Al. de 24/11/01)

Acreditamos que a aluna tenha redigido as mensagens em língua portuguesa porque não havia contato específico e íntimo entre professor e aluno através das redações, necessidade esta que foi suprida na ocasião da troca dos diários.

A segunda etapa: troca de DDEs

Esta etapa foi marcada pela troca de mensagens sem assuntos ou tópicos pré-definidos via e-mail. Os alunos discorriam sobre assuntos que os interessavam ou os envolviam de alguma forma. Segredos e desabafos eram trocados na língua inglesa, os quais eram recebidos por nós com bastante cuidado. Esta troca se restringiu aos alunos e à pesquisadora-coordenadora, sendo que os alunos não mantiveram contato entre si.

O insumo ideal, mencionado por Krashen (1987), era fornecido através de nossas mensagens e os erros cometidos pelos alunos não eram corrigidos explicitamente, antes repetidos, nas formas corretas, em nossas mensagens, como apontamos abaixo.

DANIELA NOGUEIRA DE MORAES GARCIA

“I went *in* church with my mother.”

(*Trecho extraído do diário da aluna C. de 13/10/2002*)

“It’s nice that you went *to* church today... I also went *to* church and it was very good”.

(*Trecho extraído do diário da pesquisadora de 14/10/2002*)

No exemplo acima, o erro se deu no emprego da preposição, todavia, notamos, também, a grafia incorreta de vocábulos (“*swan*”, “*prepriction*”, “*particulary*”), problemas com formas verbais (“*My aunt work...*”, “*...it cans be...*”, “*I didn’t knew...*”), problemas com formas nominais (“*...some things difficults...*”, “*...a man very happy...*”, “*To solve this problems...*”), vocábulos transcritos com letras maiúsculas (“*...she’s american...*”, “*...I’ll write in portuguese!*”, “*...on saturday that I went...*”), problemas com pronomes, advérbios e preposições (“*I will invite he to go...*”, “*One of then will put...*”, “*I’ll ask him about it and than I tell you*”), erros cometidos na digitação (“*I wnet to a party...*”, “*...like evrything...*”, “*...I hd dinner...*”). O procedimento de correção destes erros foi o mesmo mencionado acima.

Os diários exigem bastante tempo por parte do pesquisador para monitorar e participar das atividades propostas. Algumas vezes nossa demora proposital em responder algumas mensagens gerou ansiedade nos alunos.

“Are you so busy? Why don’t you send to me anything...” (*Trecho extraído do diário de Al. de 28/11/02*)

“What’s going on? Why didn’t you answered my messages?” (*Trecho extraído do diário de Ann. de 28/10/02*)

OS DIÁRIOS DIALOGADOS ELETRÔNICOS

A mesma inquietação ocorria conosco quando os alunos demoravam em responder nossas mensagens.

“Have you forgotten me?” (Trecho extraído do diário da pesquisadora de 12/10/02)

Contudo, consideramos tais sentimentos positivos pois estavam intimamente ligados à motivação dos alunos.

CONCLUSÃO

O contexto tecnológico foi um fator instigador aos alunos mediante a tarefa de expor idéias no código escrito da língua. O contexto ‘lápiz e papel’ não vinha suprindo nossas necessidades e nem as dos alunos. O endereço eletrônico, como mediador da comunicação entre alunos e professor, traduziu-se em um ambiente suplementar para o ensino e aprendizagem de línguas. Ambiente este onde nos foi possível prover os alunos com situações autênticas para a prática da escrita e também sondar suas deficiências na língua alvo e trabalhá-las posteriormente em sala de aula.

Acreditamos que os encontros virtuais não substituem os encontros face-a-face. Cada um possui suas características singulares; todavia, como pudemos observar, contribuições expressivas procederam da combinação dos dois. Alguns alunos, de fato, se dedicaram à atividade proposta, estabelecendo um contato mais íntimo com o professor e apresentando melhoras significativas na produção escrita e no desempenho lingüístico em sala de aula, em outros, porém, as melhoras não foram tão perceptíveis. Os alunos mais tímidos tiraram maior proveito da troca de mensagens, assim

DANIELA NOGUEIRA DE MORAES GARCIA

sendo, podemos afirmar que os encontros virtuais influenciaram diretamente e positivamente os reais.

Percebemos desafios e limitações no que diz respeito ao uso dos diários dialogados eletrônicos para a prática da escrita em LE, todavia, benefícios e recompensas também foram presenciados. Apesar de ser um número limitado de alunos, derrubar o bloqueio dos mesmos em relação à prática do código escrito da língua foi uma contribuição imensurável dos DDEs.

Julgamos ter promovido, através das redações e dos DDEs, uma prática expressiva da escrita inserida em situações comunicativas, motivando o aluno e assegurando meios significativos para sua expressão pessoal.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, J.C.P. *Dimensões comunicativas no ensino de línguas*. Campinas: Pontes, 1993.

ARRUDA, C.T. Action research on diaries. *Third National Braz-Tesol Conference Proceedings*, p.210-213, jul.1992.

BARDINE, B.A. *Using Writing Journals in the Adult Literacy Classroom*. Teacher to Teacher p.5, 1995. Ohio Literacy Resource Center, Kent State Univ., OH. ERIC Document Reproduction Service. Online. EBSCOhost. Acessado em 21 mar. 2001.

BEENE, L.D. Assignment Making. In: MORAN, M.G. & LUNSFORD, R.F. (Eds.). *Research in Composition and Rhetoric*. Westport, Connecticut: Greenwood Press, p.238-262, 1984.

OS DIÁRIOS DIALOGADOS ELETRÔNICOS

BOXWELL, H. Promoting Opportunities for Learning. In: ENPULLI – Encontro de Professores Universitários de Língua e Literatura Inglesa. *Anais...* Brasília: v.1, 1988.

JEFFERS, L.A. Inspire Your Students to Write. *Learning*, v.23, n.3, p.2, out./nov. 1994. AcademicSearchElite. Online. EBSCOhost. 07 mar. 2001.

JESPERSEN, O. (1904). *How to Teach a Foreign Language*. George Allen & Unwin, 1952.

GARCIA, D.N.M. O uso da escrita em língua estrangeira (inglês) por meio dos diários dialogados eletrônicos. Dissertação de Mestrado em Letras, Faculdade de Ciências e Letras. Assis: Universidade Estadual Paulista, 2003.

KRASHEN, S.D. *Principles and Practice in Second Language Acquisition*. Prentice-Hall International, 1987.

MARTINI, C.A. *Um estudo etnográfico sobre o uso de diários dialogados na sala de aula de inglês como língua estrangeira*. Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997.

MICCOLI, L. Journal-writing as a Feedback and an EFL-Related – Issue Discussion Tool. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, n.13, 1989.

_____. O Uso de Diário como Feedback e como Instrumento para Discussão de Assuntos Ligados ao Ensino de Inglês como Língua Estrangeira. *Estudos Germânicos*, Belo Horizonte, v.8, n.2, 1987.

MORITA, M.K. *Diálogo à Distância no Processo de Aquisição da Oralidade em Língua Estrangeira*. 1993.

DANIELA NOGUEIRA DE MORAES GARCIA

Dissertação de Mestrado em Lingüística Aplicada, Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1993.

NIKOPOULOS, T. *Of what use is the dialogue journal?* 2002. Disponível em:

<<http://www.tesolgreece.com/nikopoulos01.html>>.

Acessado em 19 mar. 2003.

OSAKABE, H. *Argumentação e discurso político*. São Paulo: Kairós, 1982.

PAIVA, V.L.M.O. Diários online na aprendizagem de língua inglesa mediada por computador. In: MARI, Hugo et al. (Eds.). *Fundamentos e dimensões da análise do discurso*. Belo Horizonte: Carol Borges, p.359-378, 1999.

PEYTON, J.K. *Dialogue journals: Interactive writing to develop language and literacy* ERIC Digest (1993): 4. ERIC Clearinghouse on Languages and Linguistics, Washington, D.C. ERIC Document Reproduction Service. Online. EBSCOhost. Acessado em 19 mar. 2001.

QUINN, A. L. Hopes of a New Harvest: Sowing Seeds of Understanding with Contemporary Literature. *English Journal*, v.89, n.5, p.100-103, 2000.

RIOLFI, C. *O Processo Interativo de Ensino/Aprendizagem de Escrita em Língua Estrangeira: Pesquisa-ação em Diários Dialogados*. Tese de Mestrado em Lingüística Aplicada, Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1991.

STATON, J.; SHUY, R.; KREEFT, J. & REED, L. *Dialogue Journal Communication: Classroom, Linguistic, Social and Cognitive Views*. Norwood, N.J.: Ablex, 1987. ED 214 196.

OS DIÁRIOS DIALOGADOS ELETRÔNICOS

WANG, Y.M. *E-mail dialogue journaling in an ESL reading and writing classroom*. Unpublished doctoral dissertation. Eugene, OR: University of Oregon, 1993.

WIDDOWSON, H.G. *O ensino de línguas para a comunicação*. Campinas: Pontes, 1991.

Recebido: Outubro de 2003
Aceito: Dezembro de 2003

Endereço para correspondência:

Daniela Nogueira de Moraes Garcia
Rua Palmares, 1395
Jd. Paulista – Assis/SP
CEP: 19816-020
dany@femanet.com.br